

# IDENTIDADE E CULTURA NO ROMANCE *NIHONJIN*, DE OSCAR NAKASATO

Michele Eduarda Brasil de SÁ\*

- **RESUMO:** O presente trabalho analisa a construção do romance *Nihonjin* (vencedor do Prêmio Benvirá de Literatura 2011 e do Prêmio Jabuti 2012) do escritor nipo-brasileiro Oscar Nakasato, a partir das noções de identidade e cultura. O romance narra a história de um imigrante japonês, Hideo Inabata, e de sua família, desde a sua chegada ao Brasil até a partida de seu neto para o Japão, décadas depois. O título do romance, que significa “Japonês” em língua japonesa, por si só já revela a dualidade presente no texto – o perceber-se japonês em terra estranha, o perceber-se brasileiro em família japonesa, o não conseguir se definir como um ou outro, sendo ambos (ou nenhum). Serve de base teórica o estudo sobre **identidade cultural** de Stuart Hall desenvolvido em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade* (1996). Primeiramente são observados os elementos que atribuem características de identidade cultural às personagens do romance. Em seguida, são apresentadas algumas passagens em que se pode verificar o deslocamento do sujeito e os conflitos gerados pelo choque cultural. Por fim, será demonstrada a síntese dos conflitos, o resultado desta relação dialética: a interseção dos grupos, onde os personagens enfim se encontram não como japoneses ou brasileiros, mas como híbridos culturais.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Cultura. Hibridismo cultural. Identidade. Imigração japonesa. Interseção.

## 1. Introdução

Em 2015 foram comemorados os 120 anos da assinatura do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre Brasil e Japão, marco do início das relações diplomáticas entre os dois países. O ano que marca o início da imigração japonesa, porém, é 1908, com a chegada do navio Kasato Maru ao porto de Santos, trazendo os primeiros imigrantes; somaram sua cultura ao Brasil, contribuindo para o patrimônio cultural do país.

---

\* UnB – Universidade de Brasília – Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – Área de Japonês. Brasília – DF – Brasil. 70910-900 – michelebrasil@unb.br.

No quadro recente da literatura brasileira, alguns escritores descendentes de japoneses têm se destacado. Para o presente trabalho, foi escolhido o romance *Nihonjin* (palavra que significa “japonês” em língua japonesa), do escritor maringáense Oscar Fussato Nakasato. O romance foi agraciado com os prêmios Benvirá de Literatura 2011 e Jabuti 2012. Trata-se da narrativa da experiência de imigração do personagem japonês Hideo Inabata, com as dificuldades de adaptação e os desafios de criar os filhos conforme as tradições de seu país de origem. Ao longo do romance, o pertencimento é colocado em questão, especialmente no que diz respeito aos filhos de Inabata, que se veem divididos entre dois padrões de identidade: o ser japonês e o ser brasileiro. Numa visão dialética do enredo, não apenas os filhos, mas também o próprio protagonista se percebe como pertencente a outro grupo – nem japoneses, nem brasileiros: um misto de ambos, no que Stuart Hall (2006, p. 69) denomina hibridismo cultural.

Para o estudo do texto, foi escolhido como apoio teórico o livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, de Hall, especialmente os conceitos básicos de identidade, identidade cultural, deslocamento ou descentração do sujeito e hibridismo cultural. A partir destes conceitos, serão seguidos os seguintes passos: 1) observação dos elementos que atribuem características de identidade cultural às personagens; 2) apresentação das passagens em que se pode verificar o deslocamento (ou a descentração) do sujeito e os conflitos gerados pelo choque cultural; e 3) demonstração da síntese dos conflitos.

## 2. Conceitos básicos

O primeiro conceito abordado por Hall (2006, p. 8) é, como ele mesmo assume, “demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido [...] para ser definitivamente posto à prova”: a **identidade**. Para Hall (2006, p. 38), “é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato [...]”. Este caráter dinâmico da identidade é fundamental para compreender tudo o que vai ser teorizado em seguida.

A partir desta noção de identidade, Hall (2006, p. 47) apresenta o conceito de **identidade cultural** que, para ele, é o mesmo que **identidade nacional**. As identidades culturais/nacionais são construídas através da **representação**; por isso, possuem caráter subjetivo, moldam-se de acordo com a leitura de mundo feita pelo sujeito como indivíduo e, na medida em que este indivíduo pertence a um grupo, também moldam a identidade do grupo em si. Por ser uma “comunidade imaginada”, a identidade nacional pode ser reimaginada, assim como a cultura nacional como discurso pode ser reelaborada.

A partir deste dinamismo, é apresentado o terceiro conceito importante para o presente estudo: o de **deslocamento** ou **descentração do sujeito**. Para o crítico cultural Kobena Mercer, “[...] a identidade somente se torna uma questão

quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida ou da incerteza.” (MERCER apud HALL, 2006, p. 9). De fato, quando o pertencimento é questionado e a estabilidade do ser/estar no grupo social é abalada, com eles são questionados e abalados também os referenciais, a visão de mundo, as perspectivas e o próprio passado, na figura da tradição. Daí se deduz que todo processo de descentração do sujeito produz uma crise de identidade. Não se identificando com nenhum grupo, o sujeito descentrado começa a descobrir uma nova identidade, formada a partir de outras, mas sendo ela mesma uma nova categoria – dentro do que se chama **hibridismo cultural**.

Hall (2006, p. 69) atribui à globalização um papel importante neste processo, pois a mobilidade decorrente dela produz a compressão espaço-tempo, ou seja, a sensação de que “o mundo é menor e as distâncias mais curtas”. Para alguns autores, o termo globalização deve ser utilizado para o processo em seu âmbito econômico e tecnológico, enquanto para o âmbito cultural o termo a ser utilizado deve ser “mundialização”. Um deles é Renato Ortiz, para quem “o processo de mundialização é um fenômeno social total que permeia o conjunto das manifestações culturais” (ORTIZ, 2003, p. 30). Seja qual for o nome que se dê (globalização ou mundialização), o fato é que o processo em si tem consequências nas vidas das pessoas e estas consequências, por sua vez, são refletidas na literatura. Aplicando-se o mesmo raciocínio a outros grupos de imigrantes, conclusões semelhantes talvez sejam hauridas em outras “literaturas de imigração”.

### **3. A identidade e a cultura no romance**

#### **3.1. Observação dos elementos que atribuem características de identidade cultural às personagens**

Seguindo o roteiro traçado anteriormente para o estudo do texto, veja-se de início o que pode ser considerado traço de identidade cultural dos personagens. São elencados a seguir alguns elementos: expressões e usos da língua japonesa (incluindo práticas e locais de convívio social: *kaikan*, templo budista, brinde com saquê, *banzai*, *ofurô*, etc.); patriotismo do protagonista: o orgulho de sua identidade nacional, o respeito ao imperador, a afirmação do *yamatodamashii*, “[...] a doutrina do ‘espírito nipônico’ e do ‘modo de vida japonês’.” (MORAIS, 2000, p. 49); e relação *uchi* (“dentro”) X *soto* (“fora”), expressa principalmente através da oposição *nihonjin* (“japonês”) X *gaijin* (“estrangeiro”).

Para ilustrar alguns destes elementos, veja-se o excerto seguinte:

Enquanto levantavam Satosan, Hideo continuou: tinha a certeza de que sua pátria era o Japão, de que devia fidelidade ao imperador, que era um ser superior e iluminado. Por isso, na estrada que o conduzia de volta à casa, impondo a si

a negação da dúvida que Satosan depositara em seu pensamento, ratificou a ideia de cancelar a matrícula de Haruo no burajiru gakkō. (NAKASATO, 2011, p. 72-73).

Nesta passagem podem-se verificar dois dos elementos supracitados: a palavra *burajiru gakkō*, que quer dizer “escola brasileira”, e o sufixo *-san* de Satosan, usado como expressão de tratamento; são marcas da língua japonesa no texto em português. Palavras como *Kimichan* (com o sufixo *-chan*, de tratamento, mas com tom afetivo), *otōchan* (“papai”), *okāchan*, (“mamãe”), *sensei* (“professor”), *yaito* (“punição”), *antā* (“você”), entre outras, aparecem algumas vezes no texto, não em itálico, como escrito aqui, mas sem nenhum destaque, o que contribui para a impressão de se tratar de uma linguagem híbrida, uma mistura de português e japonês sem prejuízo do entendimento para quem é parte também deste hibridismo cultural.

Também o patriotismo de Hideo Inabata é evidente neste trecho. Ele é um súdito do imperador, a quem venerava totalmente e cuja superioridade não poderia ser questionada. Por esta razão ele agride Sato (o Satosan), que disse que o imperador queria se livrar dos agricultores pobres do Japão e por isso os tinha mandado emigrar. Este nacionalismo exacerbado de Inabata reflete o que se considerava o pensamento vigente entre um número representativo dos japoneses da época, julgando-se superiores e crendo em uma missão civilizatória (SAKURAI, 2008, p. 187).

Na cultura japonesa, é muito importante a relação *uchi* (“dentro”) X *soto* (“fora”). Mesmo na língua japonesa é bem marcada esta diferença entre os interlocutores: a linguagem honorífica é apenas um dos seus traços representativos. Em vários trechos as relações *uchi* X *soto* são apresentadas, sendo a maior parte delas equivalente ao que se considera o grupo japonês e o grupo estrangeiro (neste último inseridos os brasileiros e os outros imigrantes convivendo no Brasil). Sem dúvida é muito marcante esta diferença entre os grupos e a autoafirmação da identidade cultural/nacional do protagonista, já que, mesmo sendo ele o estrangeiro em uma terra que não é a sua, ele considera que os brasileiros é que são os “de fora”. Observe-se a formação da palavra *gaijin*, em que *gai* significa “fora” e *jin*, “pessoa”.<sup>1</sup> A amizade entre Kimie, primeira esposa de Hideo, e Maria, a vizinha negra, reflete bem a tensão gerada pela quebra da fronteira entre os de dentro e os de fora. Hideo admite oferecer presentes a Maria em agradecimento pelo auxílio prestado na doença de Kimie, mas não por gratidão e sim por obrigação – e para manter cada um em seu círculo, sem interseções:

---

<sup>1</sup> A palavra *gaijin* tem tom pejorativo. O termo comum usado para designar “estrangeiro” é *gaikokujin* – ou seja, “pessoa de um país de fora”.

Hideo entendeu um pouco, entendeu que ela gostava de sua esposa, e disse em japonês, misturando algumas palavras em português, que era seu dever retribuir, que seria muito vergonhoso ficar devendo um favor, e pensou que a vergonha era maior quando se devia um favor a alguém inferior, a uma mulher negra descendente de escravos, mas isso não disse. Curvou-se mais vezes, e Maria, que entendera poucas palavras, mas compreendera que era um gesto de agradecimento, aceitou os tomates, os repolhos e o frango.

Em casa, Hideo disse a Kimie que já não deviam nada a Maria e que não aprovava a amizade das duas, que não deviam se misturar, pois os negros eram uma gente de valor menor. (NAKASATO, 2011, p. 30).

Outro excerto em que esta oposição *uchi X soto* é percebida claramente é a fala de Hanashiro para a irmã Sumie, ao surpreendê-la na madrugada preparando-se para fugir com um brasileiro:

– Não fuja como se fosse uma ladra, seria uma vergonha. Pense bem, não daria certo, nihonjin é nihonjin, gaijin é gaijin, e não tem essa história de que nihonjin é melhor que gaijin, não é isso, é que... Imagine, ele não vai gostar da comida que você fizer, vai implicar com a nossa religião, e você não vai deixar de ir ao templo budista, não é? Ele logo vai se cansar, você vai sentir falta do ofurô, do tsukemono de okāchan, de todos nós, e será pior que perder alguém que morre, porque com a morte a gente se conforma. E mesmo que não seja assim, mesmo que você se acostume com a vida de gaijin... Sumie, não seja egoísta, pense em otōchan, pense em okāchan, em todo o sofrimento que você vai causar. Fique, e um dia você se casará com um nihonjin que seja trabalhador, será feliz com ele. (NAKASATO, 2011, p. 112).

Hanashiro associa a partida de Sumie à saída do *uchi*, à exclusão do grupo, colocando esta posição em um patamar pior do que a morte. Mesmo se a perspectiva de felicidade ao lado de um *gaijin* for concretizada, ainda subsistirá o sofrimento para os pais. Em outras palavras, do discurso de Hanashiro infere-se que Sumie não pode posicionar-se na interseção; ela deve escolher entre o *uchi* e o *soto*, e esta escolha deverá ser definitiva. Uma vez excluída de “dentro”, ela será considerada uma de “fora”, uma *gaijin*.

Mesmo assim, Hanashiro, em seu discurso, pretende convencer de que não se trata de ser melhor ou pior que os “de fora” – posição diferente da defendida por Hideo, seu pai, em relação à Maria, a quem considerava inferior, “gente de valor menor”.

### 3.2. Apresentação das passagens em que se pode verificar o deslocamento (ou a descentração) do sujeito e os conflitos gerados pelo choque cultural

A interseção (o espaço nebuloso entre o ser *nihonjin* e o ser brasileiro) existe. Ela é criada no rompimento do limite entre *uchi* e *soto* e começa no convívio dos filhos de Hideo Inabata com os filhos de brasileiros e de outros imigrantes. Haruo ouve de sua professora na escola que ele é brasileiro porque nasceu no Brasil – embora o pai lhe dissesse sempre que era *nihonjin*. Esta interpelação da professora coloca em seu coração o questionamento a respeito de sua própria identidade cultural:

– Otōchan, a cara e o nome eu não posso mudar, mas isso não importa muito. Sensei do burajiru gakkō disse que somos todos iguais, filhos de Deus, não importa se os olhos são puxados ou não, se os cabelos são lisos ou enroladinhos, se o menino é preto ou japonês. O que importa é o que otōchan está dizendo: o coração. E eu sinto que meu coração é brasileiro.

– Insolente!

O tapa atingiu em cheio a face de Haruo. Imediatamente os olhos se encheram de lágrimas.

– Você é quem seu pai quer que você seja. E você é *nihonjin*!

(NAKASATO, 2011, p. 67).

A obediência ao pai, ensinada como um princípio absoluto no contexto da família japonesa da época, é parte do que se chama de *on*, um dever de lealdade implícito nas relações familiares, que abrange não só a autoridade paterna, mas as relações entre os outros membros da família. Por causa deste *on*, Sumie desistiu de fugir com Fernando, depois de ouvir as palavras de Hanashiro (citadas anteriormente). Pensou em Sanae, uma conhecida, que havia fugido para se casar com um brasileiro e que foi rejeitada pelo pai quando regressou com uma criança nos braços, depois da separação. Portanto, Sumie aceitou se casar com um japonês, Ossamu, e com ele teve três filhos, mas era tremendamente infeliz, embora nada lhe faltasse. Por sua escolha em respeitar o *on* como faz um *nihonjin*, por pensar nos outros membros do grupo antes de pensar em si mesma, pagara um alto preço. Neste ponto a personagem se descentra, já não lhe importa mais a diferença entre japonês e brasileiro: seu único anelo é pela felicidade. Deseja ser quem é, seguir o seu coração, independentemente do que desejam que ela seja. Foge com Fernando, mas retorna seis anos depois, sem a esperança ou mesmo a intenção de reintegrar-se à família.

Ela disse que estava brincando, que ele não lhe ensinara a ser *gaijin*, que ainda era *nihonjin*, sentia-se *nihonjin*. E que ninguém creditasse a Fernando o mérito

pelo que ela era, embora ele tivesse muita responsabilidade pela transformação que sofrera. O mérito maior era dela. (NAKASATO, 2011, p. 126).

Ainda se sentia *nihonjin*, mas tinha passado por uma grande transformação. Já não podia ver a vida sob a ótica do *uchi* nem do *soto*. Já não se sentia capaz de sacrificar a própria felicidade em função de outros. Sumie, finalmente descentrada, faz sua escolha definitiva pela interseção.

Mas não apenas os filhos vivenciam o conflito em sua identidade cultural. Hideo Inabata, em certa altura, sendo um membro da *Shindo Renmei*<sup>2</sup>, vê-se em grande tensão quando seu filho Haruo passa a ser perseguido por ter publicado um artigo no jornal sobre a derrota do Japão na guerra. Uma organização ultranacionalista como a *Shindo Renmei* considerava este um ato de traição, não o vendo apenas como mera admissão da derrota japonesa, mas o próprio desejo da derrota japonesa, desejo este passível de punição física e moral (SHIZUNO, 2010, p. 142). O pai e o súdito não podem alinhar-se nesta situação. Um há de falar mais alto que o outro. O seu passado (a tradição), que é parte dele, vê-se em conflito com o seu futuro (o seu descendente), que também é sua parte, e Hideo Inabata não pode satisfazer plenamente nenhum destes dois aspectos de sua identidade:

Hideo, então, sentiu que era hora de interferir. Ele sabia que, antes de ser pai, era súdito do imperador, e este deveria ser o seu princípio, mas, de repente, desesperou-se, e seu desespero era de pai.

– Senhores, eu também sou súdito do imperador. Mais que isso, eu sou membro da *Shindo Renmei*, e os ideais que movem as minhas ações são os mesmos que trouxeram os senhores aqui, por isso não posso pedir que aceitem o comportamento de Haruo. Eu mesmo não o aceito. Na minha própria casa ele não será mais bem-vindo. Mas peço que deixem ele partir, suplico pela sua vida, e prometo que meu filho nunca mais fará nada que viole a dignidade do povo japonês. (NAKASATO, 2011, p. 157-158).

Por fim, a descentração do sujeito pode ser verificada levando em conta os três conceitos que Hall (2006, p. 58) levanta como constituintes de uma cultura nacional como uma “cultura imaginada”: as memórias do passado, o desejo por viver em conjunto e a perpetuação da herança. Já não se percebe na identidade cultural de

---

<sup>2</sup> *Shindo Renmei* – A “Liga do Caminho dos Súditos”, organização ultranacionalista que realizou, nos anos de 1944 e 1945, “[...] um silencioso porém frenético trabalho de catequese patriótica e de aliciamento de associados.” (MORAIS, 2000, p. 106). Após o fim da guerra, a Liga negava a derrota do Japão e a rendição do imperador e perseguia os japoneses que não se coadunavam com este pensamento, considerando-os traidores.

Inabata a presença de nenhum destes três elementos: ele não busca as memórias do passado, especialmente quando diz sobre o seu *furusato* (terra natal) que ele “já não existe mais” (NAKASATO, 2011, p. 169). Também não tem o desejo de viver em conjunto (não pretende retornar ao Japão, que era seu objetivo inicial), nem faz questão da perpetuação da herança (ou seja, não é mais tão radical na exigência de que seus descendentes mantenham rigidamente as tradições japonesas). Terá o *nihonjin* deixado de ser *nihonjin*?

### 3.3. Demonstração da síntese dos conflitos

A crise de identidade dos personagens Haruo, Sumie e Hideo desemboca na interseção de que se falou anteriormente. Nem *nihonjin*, nem brasileiros: uma mistura de ambos que não permite que estejam em total conforto em apenas um dos grupos. O seu pertencimento está na interseção.

Ao tratar da globalização e de seus efeitos sobre as identidades culturais, Stuart Hall (2006, p. 69) apresenta três possíveis consequências: homogeneização (destruição das identidades nacionais), resistência (reforço diante da ameaça de perecimento) ou hibridismo cultural (novas identidades construídas a partir das já existentes). Considera-se este um modelo dialético apropriado para esta análise, podendo-se analisar cada uma destas consequências como a tese, a antítese e a síntese, respectivamente.

Desta forma, não seria correto afirmar que o *nihonjin* se tornou brasileiro, embora ele tenha de fato deixado de ser *nihonjin*, mas para ser outra coisa: um misto de culturas, um híbrido cultural, uma síntese dos conflitos de identidade cultural tais como se desenrolam no romance. Também o seu neto vai fazer o caminho inverso, viajando para o Japão a fim de trabalhar e ganhar dinheiro para melhorar a condição da família. Lá chegando, também não será japonês, conquanto seu sobrenome indique claramente sua ascendência – e ela mesma fará, paradoxalmente, com que dele se espere o comportamento de um *nihonjin*, que trabalhe como um japonês, que fale japonês. Também está reservado para ele, em outro lugar, o espaço da interseção.

Haruo, que sempre se perguntava a respeito de sua própria identidade cultural, adaptou-se, hibridizou-se, mas sofreu a fatal consequência de retirar-se do grupo. Aconteceu a Sumie a mesma coisa. Como sujeitos descentrados, também a sua história parece demonstrar um descompasso, uma dificuldade em se amoldar ao ambiente, à rotina. Uma vez descentrados, é impossível retornarem ao ponto de partida, pois já se transformaram – por si mesmos, não por Fernandos, nem outros motivos. Ambos tratados como traidores, não poderiam, contudo, estar felizes não sendo o que são: híbridos culturais.



#### 4. Considerações Finais

O romance *Nihonjin*, de Oscar Nakasato, estudado a partir da identidade e da cultura, traz algumas reflexões pertinentes, que podem ser exploradas tanto sob o viés da literatura quanto das ciências sociais. A primeira delas é a percepção da identidade cultural e de como ela é construída.

Tudo começa na percepção de mundo do sujeito. Os filhos do japonês Hideo Inabata nasceram no Brasil, não no Japão; sua identidade cultural japonesa é fruto da tradição que o pai deseja, durante boa parte de sua vida, incutir nos filhos. Mas o seu mundo não se limita à casa: na escola, na rua, no trabalho, eles vão construindo, de maneira particular, sua própria identidade. A identidade cultural é algo imaginado, representado, e, por isso mesmo, subjetivo e passível de transformação.

Neste processo, acontece o deslocamento (ou a descentração) do sujeito e o choque cultural gera uma crise de identidade, levando a conflitos cuja síntese é o posicionamento dos personagens não no grupo de *nihonjin* nem no grupo de brasileiros, mas num grupo híbrido, uma mistura dos dois grupos. A hibridização cultural como resultado da globalização (ou mundialização, como escreve Ortiz) é um fato entre os imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil. O ser chamado de “japonês” na escola ou no trabalho (mesmo tendo nascido no Brasil) bem como o ser tratado como estrangeiro no Japão são experiências muito comuns relatadas por descendentes de japoneses. Não se enquadrando em nenhuma das identidades culturais (japonesa e brasileira), resta-lhes o que chamamos de espaço da interseção: o lugar em que definitivamente se encontram, podendo se satisfazer com suas características de um e de outro grupo, sendo de ambos ao mesmo tempo, embora não estejam plenamente integrados a nenhum.

Neste sentido, o espaço da interseção entre os dois grupos (os de “dentro”, *uchi*, e os de “fora”, *soto*) é o novo ambiente dos sujeitos descentrados, transformados. Embora Stuart Hall considere identidade cultural e identidade nacional a mesma coisa, a identidade cultural dos híbridos não pode limitar-se a uma identidade nacional: precisa transcender a ela.

SÁ, M. E. B. Culture and identity in Oscar Nakasato's novel *Nihonjin*. **Itinerários**, Araraquara, n. 44, p. 139-148, jan./jun. 2017.

■ **ABSTRACT:** *This paper analyzes the making of Japanese-Brazilian writer Oscar Nakasato's novel Nihonjin (winner of 2011 Benvirá Literature Prize and Jabuti Prize 2012, both Brazilian literary prizes) starting from the notions of identity and culture. The novel tells the story of a Japanese immigrant, Hideo Inabata, and his family, from his arrival in Brazil to his grandson's departure to Japan, decades later. The novel's title itself, which means "Japanese person" in Japanese language, reveals the duality in the*

*text – one reassuring his Japanese nationality in a strange place, other finding himself a typical Brazilian in a Japanese family, and the impossibility of being defined either as Japanese or Brazilian, being both (or none). As for theoretical basis, this work follows Stuart Hall's study on **cultural identity** in his book The question of cultural identity (1996). First, the elements that attribute cultural identity aspects to the characters will be observed. Next, we will examine some passages where the subject's displacement can be perceived, causing conflicts motivated by cultural shock. Finally, we will examine the synthesis of the conflicts, the result of this dialectical relation: the groups' intersection, where the characters finally find themselves not as Japanese or Brazilian, but as cultural hybrids.*

■ **KEYWORDS:** Cultural hybridism. Culture. Identity. Intersection. Japanese immigration.

## REFERÊNCIAS

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MORAIS, F. **Corações sujos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NAKASATO, O. F. **Nihonjin**. São Paulo: Benvirá, 2011.

ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SAKURAI, C. **Os japoneses**. São Paulo: Contexto, 2008.

SHIZUNO, E. C. **Os imigrantes japoneses na Segunda Guerra Mundial: bandeirantes do Oriente ou perigo amarelo no Brasil**. Londrina: EDUEL, 2010.

